



# Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

## A cegueira do negacionismo

A tempestade de inverno assola os Estados Unidos desde o último fim de semana. É uma das piores que atingiu o país nas últimas décadas. Vinte estados e mais a capital Washington declararam estado de emergência. Quatorze pessoas morreram. Mais de 15 mil voos foram cancelados nos aeroportos. Em algumas regiões, é possível encontrar neve acumulada em 20 centímetros.

Oitocentos e 40 mil americanos

ficaram sem eletricidade na noite de domingo. Os cidadãos deixaram vazias as prateleiras dos supermercados. Da Casa Branca, o presidente Trump escreveu na plataforma Truth Social: “Continuaremos monitorando e mantendo contato com todos os estados no trajeto desta tempestade. Mantenham-se seguros e aquecidos”.

No entanto, a falta de eletricidade pode ter efeitos devastadores, pois, com o frio de menos 20 graus, comparáveis ao da Antártida, será inviável utilizar aquecedores para que as pessoas se protejam da nevasca.

Do alto do negacionismo das mudanças climáticas, Trump questionou, em tom de deboche, a relação entre a nevasca

e o aquecimento global: “O que aconteceu com o aquecimento global?”. Trump é um ignorante cercado de ignaros por todos os lados. A causa provável da tempestade de neve é o aquecimento do Ártico, mas os cientistas ainda precisam de novas pesquisas para comprovar a hipótese.

Seria, talvez, proveitoso que negacionistas como Trump e seus acólitos no Brasil lessem o livro A terra inabitável – Uma história do futuro, de David-Wallace-Wells (Cia das Letras), que é uma espécie de suma das previsões dos cientistas sobre as mudanças climáticas. Com base nessas previsões, David alerta que as mudanças climáticas não vão atingir apenas as regiões costeiras, mas recobrir a vida de todo ser humano no planeta, por

mais distante que more do litoral. “Quanto mais o Ártico esquenta, mais intensas se tornam as nevascas nas latitudes setentrionais. Foi o que levou ao “Apocalipse de Neve” de 2010, ao “Armagedon de Neve” de 2014 e à “Nevasca-Monstro” de 2016 no Nordeste americano.”

Contra o aquecimento global de nada valem as poderosas Forças Armadas ou o arsenal atômico de Trump. Mas não é preciso ir tão longe. Em São Paulo, temos assistido a cenas dramáticas, com pessoas arrastadas nos carros em ruas que se transformam em rios de correnteza poderosa. A mudança climática intensificou fenômenos que já ocorriam. No entanto, agora, eles alcançam uma dimensão cada vez mais devastadora.

O Congresso Nacional age como se não houvesse mudanças climáticas, recordes de temperaturas altas, rios secos na Região Norte, tornados na Região Sul, prejuízos bilionários no agronegócio. Se algo sai errado, acionam o governo para serem amparados. É inacreditável que, com tudo isso, eles jamais convidem os cientistas para saber o que está acontecendo no Brasil e no mundo. É preciso agir. O primeiro movimento é não votar em candidatos negacionistas.

E eu continuo em sintonia com o Kristo Negro, de A Idade da Terra, de Glauber Rocha, na pele de Antonio Pitanga, que berra para ninguém no Cerrado, sob o fundo do Congresso Nacional: “Acorda, humanidade! Acorda, humanidade!”

No Jardim Botânico de Brasília, os visitantes têm a oportunidade de entender o Cerrado por meio de trilhas, jardins e museus, conhecendo mais sobre o bioma de forma lúdica

» ARTUR MALDANER\*

Para quem procura tranquilidade no Distrito Federal, o Jardim Botânico de Brasília (JBB) se destaca pela união entre lazer e preservação ambiental, oferecendo trilhas que passam por vegetações intactas de Cerrado e jardins com coleções de plantas de todo o mundo. Além das belas vistas, o espaço possui papel central no desenvolvimento acadêmico e na educação ambiental, e oferece visitas guiadas e museus de ciência para os interessados em aprender mais sobre a região.

Quem vai a piqueniques ou frequenta os cafés e restaurantes que operam no local também pode agendar uma visita guiada, para entender melhor a relação entre o Jardim Botânico e a preservação do meio ambiente. O serviço é voltado para turmas de escolas, universidades, projetos sociais, empresas, famílias ou qualquer grupo que queira aprender a contemplar e valorizar o Cerrado com mais atenção. A gerente de educação ambiental do Jardim Botânico, Ana Beatriz Queiroz, explica que o tour aborda temas como flora, fauna e preservação ecológica, e passa por áreas do parque selecionadas de acordo com o perfil do público.

Dentre os possíveis roteiros da visita, o jardim japonês é um dos espaços mais explorados pela equipe de educação ambiental. Foi construído com a união de plantas exóticas do leste asiático e espécies regionais. Ao analisarem os arranjos do jardim, os educadores mostram a missão do Jardim Botânico, que busca a valorização de espaços multiculturais, sempre visando à preservação do ambiente originário do DF. “Com todos os grupos em que recebemos, a gente sempre tenta trabalhar com a ludicidade. Nós vemos que aprender brincando funciona muito bem”, destaca Ana.

Para o visitante Paulo Gabriel dos Santos, 37 anos, a instalação mais interessante do parque é o jardim dos cheiros, espaço que abriga 77 tipos de plantas medicinais, aromáticas e alimentícias. Como considera um dos passeios mais interessantes de Brasília, Paulo foi ao parque, desta vez, para apresentá-lo à irmã, Jéssica dos Santos, 34, que mora no município de Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. “Nós nascemos em contato com o verde, e achei aqui lindo. Fiquei realmente encantada”, afirma Jéssica, que não conhece o espaço.

Outras atrações do tour incluem o Museu do Cerrado, também conhecido como Espaço Ciência, que expõe animais taxidermizados e caixas entomológicas de insetos, mostrando alguns animais presentes na fauna local. Todos os espaços dentro da área de visitação do Jardim são abertos ao público e podem ser descobertos, também, de forma autoguiada.

### Trilhas

O Jardim Botânico de Brasília abriga, ainda, um trajeto de trilhas, que percorrem todos os 500 hectares do parque e passam por áreas de vegetação preservadas do Cerrado. Com sete percursos disponíveis, sendo que alguns deles permitem o acesso de bicicletas, a atividade já é tradição entre famílias do DF como a de Felipe Barros, 34 anos, que foi ao parque pedalar em uma das trilhas com a esposa e os dois filhos.

O morador do Tororó conta que tem o costume de vir ao Jardim Botânico com frequência e elogia a manutenção: “Minha parte favorita são as trilhas, que estão cada vez mais acessíveis, os parquinhos que



## Contemplação e aprendizado

Fotos: Bruno Gaston CBDA/Press

### Serviço

#### Jardim Botânico de Brasília

» **Endereço:** Setor de Mansões Dom Bosco – SMDB (Lago Sul) Área Especial Estação Ecológica Jardim Botânico de Brasília

» Funciona de terça a domingo, inclusive feriados, das 9h às 17h, com entrada permitida até as 16h30

» **Taxa de entrada:** R\$ 5

» A área do piquenique e do parque infantil está interdita por tempo indeterminado, devido à retirada de pinheiros. Segundo a direção do Jardim Botânico, os pinheiros são árvores exóticas do Hemisfério Norte e se comportam como invasoras no Cerrado, impedindo o desenvolvimento da flora local.

» **Visitas pedagógicas:** Disponíveis às terças e quintas para grupos a partir de 10 pessoas

» **Agendamento por meio do seguinte endereço eletrônico:** [www.jardimbotanico.df.gov.br/educacao-ambiental/visita-orientada/](http://www.jardimbotanico.df.gov.br/educacao-ambiental/visita-orientada/)



Os irmãos Paulo Gabriel e Jéssica dos Santos gostam de aproveitar a área verde



A diretora de educação Ana Beatriz explica que o tour destaca fauna e flora



O Espaço Ciência expõe animais taxidermizados

estão bem legais para levar as crianças, e também o verde, que é um espaço que, de fato, dá para ter contato com a natureza”. Felipe só lamenta que o parque feche às 17h. Segundo ele, é um horário cedo.

As trilhas do jardim são uma grande oportunidade de aprendizado em contato direto com plantas típicas do Cerrado. De acordo com a diretora de educação Ana Beatriz, durante as visitas guiadas, a equipe estimula as pessoas a estarem atentas às árvores. “Depois da caminhada, nós perguntamos para eles o que acharam da paisagem. O nosso papel é mostrar a beleza do Cerrado por meio das relações ambientais, para gerar encantamento”, diz a educadora.

Ela explica o motivo por trás da aparência torta e ressecada das árvores, que desenvolvem grandes raízes para obter água do solo durante o longo período da seca. É apenas quando as turmas avançam no percurso, quando se deparam

com uma nascente, que percebem o impacto da água na vegetação: “Quando chegamos perto da nascente, as árvores começam a ficar maiores e eles conseguem observar que tudo muda. É nesse momento que percebem que o ambiente deve ser preservado”, comenta Ana. Das sete trilhas do jardim, a Krahô é a mais escolhida para grupos escolares devido à sua curta distância, já que possui menos de 2km, mas o jardim conta com trajetos de 4km e 12km, para os mais dispostos.

### Objeto de estudo

Inaugurado em março de 1985, o Jardim Botânico se diferencia pela intenção de não só expor plantas de outros lugares do mundo, mas manter as vegetações tradicionais da reserva em sua coleção. A área aberta à visitação é apenas uma fração da reserva completa, que conta com 4.500 hectares de vegetação, chamada de Estação Ecoló-

gica do Jardim Botânico de Brasília. O espaço é restrito, com permissão concedida para pesquisadores que tenham interesse em estudar o ambiente local.

A estação remanescente de Cerrado é conectada à área da Estação Ecológica do IBGE e à Fazenda Água Limpa da Universidade de Brasília (UnB), que, juntas, formam um total de 10.000 hectares de vegetação preservada. “Por ser uma área protegida, nós conseguimos estabelecer pesquisas de longo prazo. É um privilégio ter perto das universidades um espaço tão importante para a execução de pesquisas”, destaca o professor da UnB Reuber Brandão, do Departamento de Engenharia Florestal (EFL).

O pesquisador aponta a reserva como um “laboratório vivo”, que possui diferentes espécies e possibilita o monitoramento a longo prazo da biodiversidade de flora, fauna e dinâmicas de ecossistema, com estudos que envolvem estudantes de

graduação, pós-graduação e professores universitários.

Certificado como um jardim botânico de classe A, por padrões internacionais, o Jardim Botânico de Brasília também cumpre o pré-requisito de possuir uma publicação científica própria, chamada de *Heringeriana*. A revista começou nos anos 1990 como boletim do herbário Ezechias Heringer — produzido pelo professor que coletou as amostras que estão até hoje no herbário — mas ela teve o enfoque ampliado. Hoje, publica artigos não só de botânica, mas que tratam de assuntos da biodiversidade. Brandão também é editor associado da *Heringeriana* e trabalha para aumentar o reconhecimento da publicação, que divulga de 100 a 150 artigos por ano e já catalogou todos os mamíferos que residem na amostra de Cerrado.

\***Estagiário sob supervisão de Tharsila Prates**